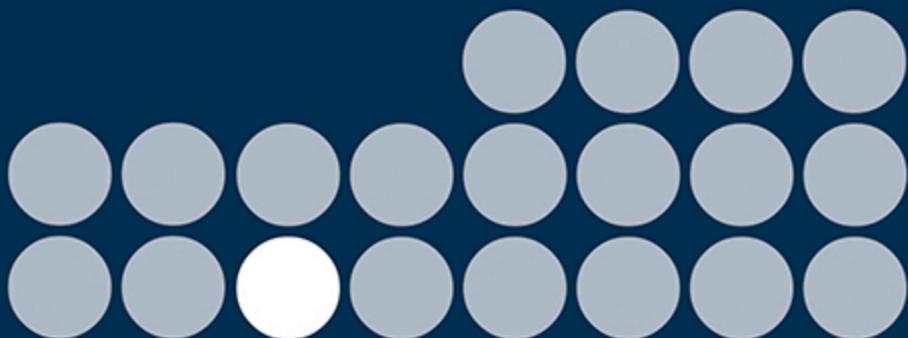


Hebreus

Introdução
e comentário

Donald Guthrie



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

CONTEÚDO

| | |
|---|----|
| Prefácio da Edição em Português | 6 |
| Prefácio do Autor | 7 |
| Abreviaturas Principais | 8 |
| Bibliografia Seleta | 9 |
| INTRODUÇÃO | |
| O enigma da carta | 13 |
| A carta na igreja primitiva | 14 |
| A autoria | 17 |
| Os leitores | 19 |
| O destino | 23 |
| Data | 25 |
| O propósito da carta | 28 |
| A situação histórica | 35 |
| A teologia da carta | 42 |
| ANÁLISE | 54 |
| COMENTÁRIO | 57 |

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reunem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto neo-testamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DO AUTOR

Há alguns livros no Novo Testamento que têm um certo fascínio, não por terem uma atração instantânea, mas, sim, porque são mais difíceis do que o normal. Para mim, a Epístola aos Hebreus se enquadra nesta categoria. Isto, por si só, poderia ter fornecido uma razão apropriada para não escrever um comentário sobre ela. Suas dificuldades, no entanto, oferecem um desafio que não pode ser levemente deixado de lado. Se meu primeiro alvo tem sido esclarecer meu próprio entendimento, isto deve servir de encorajamento para o leitor. Estou, na realidade, convidando você a me acompanhar na exploração de um livro que contém muitos tesouros de sabedoria espiritual e de entendimento teológico.

Minha esperança é que esta busca leve a tanto enriquecimento espiritual para o leitor quanto tem levado para o escritor. Não se promete com isto que todos os problemas foram resolvidos, nem que este comentário pode alegar ter feito explorações originais. Escrever um comentário é um pouco semelhante a um testemunho pessoal. Embora tenha profundas dívidas de gratidão para com tantos outros que me antecederam na tarefa, minha própria contribuição pode alegar singularidade somente pela razão de ser o resultado de um encontro entre o texto e minha própria experiência de estudo do Novo Testamento e da vida cristã.

DONALD GUTHRIE

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

| | |
|-------|---|
| ARA | Almeida Revista e Atualizada no Brasil. |
| ARC | Almeida Revista e Corrigida. |
| ATR | <i>Anglican Theological Review.</i> |
| BJRL | <i>Bulletin of the John Rylands Library.</i> |
| CBQ | <i>Catholic Biblical Quarterly.</i> |
| CDC | Documento de Damasco. |
| Com. | Comentário sobre a carta aos Hebreus, conforme é alistado na bibliografia seleta. |
| EQ | <i>Evangelical Quarterly.</i> |
| ExT | <i>Expository Times.</i> |
| ICC | <i>International Critical Commentary</i> |
| Idem | O mesmo autor. |
| JBL | <i>Journal of Biblical Literature.</i> |
| LXX | A Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento). |
| MM | Moulton e Milligan: <i>Vocabulary of the Greek New Testament</i> (Londres, 1952). |
| NIV | New International Version (da Bíblia em inglês). |
| NTS | <i>New Testament Studies.</i> |
| Qp Hc | Comentário de Habacuque, de Cunrã. |
| RB | <i>Revue Biblique.</i> |
| RSV | Revised Standard Version (da Bíblia em inglês). |
| TB | <i>Tyndale Bulletin.</i> |
| TDNT | <i>Theological Dictionary of the New Testament.</i> |
| ThR | <i>Theologische Rundschau.</i> |
| ThZ | <i>Theologische Zeitschrift.</i> |
| WC | <i>Westminster Commentary.</i> |
| WH | Texto de Westcott e Hort (NT Grego) |
| ZNTW | <i>Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft</i> |

BIBLIOGRAFIA SELETA

COMENTÁRIOS

- Brown, J., *An Exposition of Hebrews* (Edinburgh, 1862, r.p. London, 1961).
- Bruce, A. B., *The Epistle to the Hebrews, the first apology for Christianity* (Edinburgh, 1899).
- Bruce, F. F., *Commentary on the Epistle to the Hebrews (New London Comentary, London, 1965).*
- Buchanan, G. W., *To the Hebrews* (New York, 1972).
- Calvin, J., *The Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews* (new Eng. trans. Edinburgh, 1963, from first edition, Geneva, 1549).
- Davidson, A. B., *The Epistle to the Hebrews* (Edinburgh, 1882).
- Davies, H. H., *A Letter to the Hebrews (Cambridge Bible Commentary, Cambridge, 1967).*
- Delitzsch, F. *Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Eng. trans. 2 vols., Edinburgh, 1872).
- Ebrard, J. H. A., *Biblical Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Eng. trans. Edinburgh, 1863).
- Héring, J., *L'Épître aux Hébreux (Commentaire du Nouveau Testament, Paris and Neuchâtel, 1955).*
- Hewitt, T., *The Epistle to the Hebrews (Tyndale New Testament Commentaries, London, 1960).*
- Hughes, P. E., *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, 1977).
- Lang, G. H., *The Epistle to the Hebrews* (London, 1951).
- Michel, O., *Der Brief an die Hebräer* (Göttingen, 1949).
- Moffatt, J., *The Epistle to the Hebrews* (ICC, Edinburgh, 1924).
- Montefiore, H. W., *The Epistle to the Hebrews (Black's New Testament Commentaries, London, 1964).*

- Nairne, A., *The Epistle to the Hebrews* (*Cambridge Greek Testament*, Cambridge, 1917).
- Narborough, F. D. V., *The Epistle to the Hebrews* (*Clarendon Bible*, Oxford, 1930).
- Neil, W., *The Epistle to the Hebrews* (*Torch Commentaries*, London, 1955).
- Owen, J., *Exposition of Hebrews*, 4 vols. (London, 1668-74).
- Peake, A. S., *The Epistle to the Hebrews* (*Century Bible*, Edinburgh, 1914).
- Pink, A. W., *An Exposition of Hebrews* (Grand Rapids, 1954).
- Rendall, F., *The Epistle to the Hebrews* (London, 1883).
- Riggenbach, E., *Der Brief an die Hebräer* (Leipzig, 1913).
- Robinson, T. H., *The Epistle to the Hebrews* (*Moffatt New Testament Commentary*, London, 1933).
- Schlatter, A., *Der Brief an die Hebräer*, Vol. 9 in *Erläuterungen zum Neuen Testament* (Stuttgart, r.p. 1964).
- Schneider, J., *The Letter to the Hebrews* (Eng. trans. Grand Rapids, 1957).
- Snell, A., *New and Living Way* (London, 1959).
- Spicq, C., *L'Épître aux Hébreux* (*Études Bibliques*, 2 vols. Paris, 1952).
- Strathmann, H., *Der Brief an die Hebräer* (*Das Neue Testament Deutsch*, Göttingen, 1937).
- Vaughan, C. H., *The Epistle to the Hebrews* (London, 1890).
- Westcott, B. F., *The Epistle to the Hebrews* (London, ²1892).
- Wickham, E. C., *The Epistle to the Hebrews* (*Westminster Commentaries*, London, ²1922).
- Windisch, H., *Der Hebräerbrief* (*Handbuch zum Neuen Testament*, Tübingen, ²1931).

OUTRAS OBRAS

- Barrett, C. K., 'The Eschatology of the Epistle to the Hebrews', in *The Background of the NT and its Eschatology* (ed. W. D. Davies and D. Daube, Cambridge, 1956).
- Burch, V., *The Epistle to the Hebrews: Its Sources and Message* (London, 1936).
- Demarest, B., *A History of Interpretation of Hebrews 7: 1-10 from the Reformation to the Present* (Tübingen, 1976).
- Du Bose, W. P., *High Priesthood and Sacrifice* (New York, 1908).

- Edwards, T. C., *The Epistle to the Hebrews (Expositor's Bible, London*² *1888).*
- Filson, F. V., 'Yesterday'. *A Study of Hebrews in the Light of Chapter 13* (London, 1967).
- Horton, F. L., Jr., *The Melchizedek Tradition* (Cambridge, 1976).
- Hughes, G., *Hebrews and Hermeneutics* (Cambridge, 1979).
- Käsemann, E., *Das wandernde Gottesvolk* (Göttingen, 1939).
- Kistemaker, S., *The Psalm Citations in the Epistle to the Hebrews* (Amsterdam, 1961).
- Kosmala, H., *Hebräer-Essener-Christen* (Leiden, 1959).
- Manson, T. W., 'The Problem of the Epistle to the Hebrews', in *Studies in the Gospels and Epistles* (Manchester, 1962).
- Manson, W., *The Epistle to the Hebrews. An historical and theological Reconsideration* (London, 1951).
- Ménégoz, E., *La Théologie de l'Épître aux Hébreux* (Paris, 1894).
- Milligan, G., *The Theology of the Epistle to the Hebrews* (Edinburgh, 1899).
- Milligan, W., *The Ascension and Heavenly Priesthood of our Lord* (London,² 1894).
- Murray, A., *The Holiest of All* (London, 1895).
- Nairne, A., *The Epistle of Priesthood. Studies in the Epistle to the Hebrews* (Edinburgh,² 1913).
- Scott, E.F., *The Epistle to the Hebrews: Its Doctrine and Significance* (Edinburgh, 1922)
- Syngé, F.C., *Hebrews and the Scriptures* (London, 1959)
- Tasker, R. V. G., *The Gospel in the Epistle to the Hebrews* (London, 1950).
- Theissen, G., *Untersuchungen zum Hebräerbrief* (Gütersloh, 1969).
- Thomas, W. H. G., *Let us go on* (London, 1923).
- Vanhoye, A., *La structure littéraire de l'Épître aux Hébreux* (Paris, 1963).
- Vos, G., *The Teaching of the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids, 1956).
- Williamson, R., *Philo and the Epistle to the Hebrews* (Leiden, 1970).
- Wrede, W., *Das literarische Rätsel des Hebräerbriefes* (Göttingen, 1906).
- Zimmermann, H., *Das Bekenntnis der Hoffnung* (Köln, 1977).

INTRODUÇÃO

I. O ENIGMA DA CARTA

Por várias razões, este livro apresenta mais problemas do que qualquer outro livro do Novo Testamento. Há muitas perguntas que o investigador forçosamente tem de fazer, mas que não podem ser respondidas de modo satisfatório. Quem o escreveu? Quais foram os leitores originais? Qual foi a ocasião histórica exata em que foi escrito? Qual foi a data da escrita? Qual era a influência predominante por detrás da apresentação? Estas são algumas das perguntas para as quais nenhuma resposta conclusiva pode ser dada, embora algumas não sejam tão enganadoras quanto outras. O que é da maior importância para o comentarista descobrir é a mensagem e relevância atuais da carta, mas ele só pode fazer isso depois de ter investigado o pano de fundo histórico. Alguma tentativa deve ser feita, portanto, no sentido de responder às perguntas acima, ainda que seja apenas para fornecer algum arcabouço dentro do qual se possa empreender a tarefa de compreender a mensagem.

Não se pode negar que a direção geral do argumento da carta mostra-se difícil para o leitor. Isto é principalmente porque a seqüência do pensamento está revestida de linguagem e alusões tiradas do fundo histórico cultural do Antigo Testamento. O sacerdócio de Cristo está diretamente ligado à antiga ordem levítica, mas visa claramente substituí-la. Mais do que a maioria dos livros do Novo Testamento, Hebreus exige explicações pormenorizadas da relevância das alusões ao seu fundo histórico. Esta é a tarefa principal do comentarista. Respondendo à pergunta, “Por que um livro tão difícil é incluído no Novo Testamento?”: é que trata daquela que deve ser considerada a pergunta mais importante que confronta constantemente o homem, i.é: como podemos nos aproximar de Deus? É por causa da contribuição significativa de Hebreus a este problema sempre presente que compensa o esforço necessário para esclarecer sua mensagem e expressá-la em termos contemporâneos.

INTRODUÇÃO

II. A CARTA NA IGREJA PRIMITIVA

Iniciaremos olhando a maneira dos cristãos primitivos considerarem esta carta porque isto nos capacitará a seguir os passos pelos quais veio a se tornar parte do Novo Testamento. Mostrará, também, que até mesmo a igreja primitiva tinha algumas dificuldades por causa dela.

No mais antigo dos escritos patrísticos que tem sido conservado, i.é, a carta de Clemente de Roma à igreja de Corinto (c. de 95 d.C.), há um paralelo notável (1 Clem. 36.1-2; cf. Hb 1.3ss.), juntamente com uns poucos outros paralelos. A seguinte seleção de 1 Clemente 36 ilustrará este fato. Escreve acerca de Cristo: “Ele, que é o resplendor da sua majestade, é tão superior aos anjos, quanto herdou mais excelente nome [cf. Hb. 1.3-4]. Porque está escrito assim: “Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo” [cf. Hb. 1.7]. Mas acerca do Filho o Senhor disse assim: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” [cf. Hb 1.5] ... E, outra vez, diz-lhe: “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés” [cf. Hb 1.13].”¹ Pareceria uma dedução razoável que Clemente tinha conhecimento de Hebreus, embora isto não tenha passado sem ser questionado. A opinião alternativa, de que Hebreus citou 1 Clemente levanta dificuldades em demasia para ser considerada. A *via media* proposta, de que ambos usaram as mesmas fontes não pode atrair muito mais apoio, porque nenhuma evidência pode ser produzida para tais fontes hipotéticas, e, na ausência de evidências, deve ser considerada uma teoria insatisfatória. A conclusão de que Clemente deve ter conhecido Hebreus tem conseqüências importantes para a avaliação da data da Epístola e para um reconhecimento da sua autoridade antiga. Deve ser notado, também, que nos trechos que são virtualmente citações da carta, Clemente não menciona o autor. Em si só, isto não seria especialmente relevante, visto que Clemente cita outros livros neotestamentários (e.g. as Epístolas paulinas) sem mencionar o autor. É provável que Hebreus tenha agradado especialmente a Clemente, que descreve o ministério cristão em termos do sacerdócio arônico,² embora adote uma abordagem bem diferente do escritor desta carta. Esta dependência antiga de Clemente de nossa Epístola é tanto mais notável por causa do período

(1) Tradução em inglês em K. Lake: *The Apostolic Fathers 1* (Heinemann, 1952), pág. 71.

(2) T. W. Manson: *The Church's Ministry* (Londres, 1948), págs. 13ss., chama o apelo de Clemente às leis cerimoniais do AT uma “retrogressão.”

subseqüente em que parece ter sido negligenciada pelas igrejas no Ocidente. Não foi até o fim do século IV que recebeu, entre aquelas igrejas, a honra que lhe cabia.

Hebreus não estava incluído entre os livros autorizados por Márciom, cuja coletânea alegava representar o ensino do *Apostolikon*, i.é, o apóstolo Paulo. Márciom, no entanto, quase certamente teria rejeitado Hebreus por causa da sua forte dependência do Antigo Testamento, o qual rejeitava categoricamente.

O Cânon Muratoriano, que contém uma lista de livros que, segundo se pensa, representa o cânon da igreja em Roma perto do fim do século II, não contém referência alguma a Hebreus, embora inclua todas as cartas de Paulo, citadas pelos seus nomes. É possível que o texto da lista esteja deturpado e que alguma parte dela tenha sido omitida. Apesar disto, é estranho que nenhum apoio específico para a Epístola tenha sido conservado durante este período primitivo.

Com a virada do século II, mais evidências em prol do uso de Hebreus são achadas na igreja ocidental, embora houvesse diferença de opinião quanto à sua origem. Clemente de Alexandria cita seu mestre “o bendito presbítero” (Panteno) como alguém que defendia a autoria paulina desta carta. Explicou a ausência de um nome pessoal no texto da carta pela razão de que o próprio Jesus era o apóstolo do Onipotente aos Hebreus, e que, portanto, por humildade, Paulo não teria escrito aos Hebreus da mesma maneira que escrevia aos gentios. Clemente continuou a tradição da origem paulina, e freqüentemente citava Hebreus como sendo da autoria de Paulo ou “do Apóstolo.” Seu sucessor Orígenes, no entanto, levantou dúvidas quanto à autoria paulina, embora não acerca da sua canonicidade. Considerava que os pensamentos eram de Paulo, mas não o estilo. Historiou a opinião doutros (os anciãos), de que Lucas ou Clemente de Roma fora o autor, e, embora fale favoravelmente acerca da sugestão de que Lucas escreveu os pensamentos de Paulo em grego, ele mesmo concluiu que somente Deus sabe o autor.

Subseqüentemente ao tempo de Orígenes, seus sucessores não acatavam sua decisão aberta, e logo ficou sendo a convicção indisputada da igreja oriental de que Paulo era o autor. Deve ser notado que Orígenes incluiu Hebreus entre as cartas paulinas, às vezes até citando-a como “Paulo diz;” não é totalmente surpreendente, portanto, que seus alunos seguissem este padrão. A grande influência de Orígenes na igreja oriental era suficiente para garantir a contínua aceitação da carta como sendo apostólica. Não há dúvida, no entanto, que foi a crença na sua origem paulina que lhe gran-

INTRODUÇÃO

jeou aceitação universal. No Papiro Chester Beatty das cartas paulinas, Hebreus está incluída, colocada depois de Romanos.

Na igreja ocidental, a aceitação demorou mais tempo. Após a citação da carta por Clemente de Roma, a evidência é esparsa até os tempos de Jerônimo e Agostinho. Tertuliano, no fim do século II, considerava Barnabé como o autor, mas menciona esta opinião num só lugar. Claramente não considerava que esta Epístola estava no mesmo nível das cartas paulinas. Eusébio, que era diligente em colecionar as opiniões das várias igrejas acerca dos livros do Novo Testamento, relatou que a igreja em Roma não aceitava Hebreus como paulina, e reconheceu que isto estava levando outras pessoas a terem dúvidas. Cipriano, que pode ser considerado um representante típico dos meados do século III, não aceitava a Epístola.

O primeiro escritor patrístico no Ocidente que aceitou esta carta foi Hilário, seguido, logo após, por Jerônimo e Agostinho. A opinião deste último revelou-se decisiva, embora levante uma questão interessante, porque Agostinho, nas suas primeiras obras, cita Hebreus como sendo paulina, e, nas suas últimas obras, como sendo anônima, com um período de vacilação no meio. Sua aceitação original da Epístola foi provavelmente em razão da autoria paulina; mas veio a aquilatar o valor da Epístola com base na própria autoridade dela, e sua abordagem claramente subentendia uma distinção entre a autoria paulina e a canonicidade. Esta distinção, no entanto, não foi mantida pelos seus sucessores.

Este panorama da história algo diversificada desta Epístola levantou certos fatores que devem afetar nossa abordagem à sua exegese. Demonstrou que era crido de modo geral que Hebreus reflete uma autoridade apostólica, embora nenhum nome específico possa ser ligado a ela. Onde havia relutância para recebê-la, era, com toda a probabilidade, demasiadamente vinculada com a autoria apostólica. É também compreensível que o estilo e o conteúdo da carta seriam menos atraentes aos ocidentais mais prosaicos do que aos orientais, mais ecléticos. Sua aceitação final, a despeito das dúvidas sérias, testifica do poder intrínseco da própria Epístola.

Uma nota de rodapé do período da Reforma para este panorama antigo pode ser acrescentada. Durante este período, a Epístola voltou a ser atacada no assunto da sua autoria paulina. Este foi especialmente o caso de Martinho Lutero, que sugeriu que Apolo seria um autor mais provável. Reagindo às suas opiniões, o Concílio de Trento declarou enfática-

mente que a Epístola foi escrita pelo apóstolo Paulo, usando, assim, o carimbo da autoridade eclesiástica numa tentativa de resolver a questão.

III. AUTORIA

Tendo em vista a confusão na igreja primitiva a respeito da origem desta carta, não é surpreendente que a erudição moderna tenha produzido um monte de sugestões diferentes. Visto que a maioria delas não passam de pura conjectura, não é proveitoso dedicar muito espaço à sua discussão. Nosso alvo será demonstrar de modo breve por que a autoria paulina é quase universalmente considerada inaceitável, e dar algumas indicações das propostas alternativas.³

A opinião antiga da autoria paulina não é apoiada por qualquer referência a Paulo no texto da carta. Está, no entanto, incluída no título, que é claramente uma reflexão do conceito tradicional e, portanto, tem pouca importância. A anonimidade do texto é uma dificuldade imediata para a autoria paulina, visto não haver em lugar algum qualquer sugestão que Paulo teria escrito no anonimato. Um apóstolo que meticulosamente reivindica autoridade na introdução às epístolas existentes atribuídas ao seu nome, não tem probabilidade de ter enviado uma carta sem referência àquela autoridade especial da qual estava revestido. Além disto, não há sugestão, na maneira do autor de Hebreus escrever, de que conheceu aquela mesma experiência dramática pela qual Paulo passou na sua conversão, que nunca está longe da superfície nas suas cartas.

Já nos tempos de Orígenes, a diferença entre o grego das Epístolas de Paulo e o de Hebreus estava sendo notada. Orígenes considerava que a Hebreus “faltava a rudeza de expressão do apóstolo” e que é “mais idiomáticamente grega na composição da sua dicção” (cf. Eusébio: *Hist. Eccl.*, vi.25.11-12). A maioria dos estudiosos concordaria com o julgamento de Orígenes. A linguagem forma um bom estilo literário no grego koinê, e certamente contém menos irregularidades de sintaxe do que as Epístolas.⁴ O escritor sabe, além disto, a direção que seu argumento está tomando. Se faz uma pausa para exortar os leitores, retoma a seqüência

(3) Uma obra importante mais recente que argumenta em prol da autoria paulina é a de W. Leonard: *The Authorship of the Epistle to the Hebrews* (Londres, 1939).

(4) M. E. Thrall: *Greek Particles in the New Testament* (Leiden, 1962), pág.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.